



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A piedade popular – a Festa de Nossa Senhora das Candeias, no interior do Brasil - como parâmetro mimético para a vivência da fé

JOAQUIM FRANCISCO BATISTA RESENDE

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

RESUMO O presente artigo discute a partir do conceito de piedade popular e da tese de Rene Girard, se a Festa de Nossa Senhora das Candeias, em Arraias – TO, pode servir como parâmetro mimético para a vivência da fé. A história do Brasil está diretamente ligada à devoção a Virgem Maria. O papa Francisco tem alertado sobre as tentações vividas pela Igreja. Indicou a piedade popular como um meio para o clero superar as dificuldades e a falta de maturidade de fé e liberdade cristã. A população arraiana possui, acredita e atribui um valor especial a um rito singular: acender velas no dia 02 de fevereiro para receber a visita de Deus e ser recebido após a morte com luz. Para isso é preciso, além de acender velas, imitar Nossa Senhora. **Palavras chaves:** Piedade Popular. Nossa Senhora. Rito. **ABSTRACT** The current article has been triggered by the concept of popular piety and by the Rene Girard's thesis whether the party of Nossa Senhora das Candeias, placed in Arraias - Tocantins state can serve as mimetic parameter to the experience of faith. The history of Brazil is directly linked to devotion to Virgin Mary. Pope Francisco has warned about temptations experienced by the Church. He pointed out the popular piety as a means for clergy to overcome the difficulties and the lack of maturity of faith and Christian freedom. Arraiana population has, believes and assigns a special value to a singular rite: to light candles on 2th of February in order to receive God's visit and to be received with light after death. This requires not only the lighting of candles but also the imitation of Our Lady. **Key words:** Popular piety. Our Lady. Rite.

1. Introdução

A implantação do catolicismo nas Américas processou-se debaixo de armas e violência,

transgredindo normas, critérios e bom senso e, não se pode negar, de forma pouco ou quase nada evangélica. A fé foi plantada sobre diversas culturas ameríndias dentro de um padrão hispânico-europeizante, desqualificando e desprezando os modelos pré-existentes das sociedades autóctones. Dessa miscigenação forçada nasceu um catolicismo mestiço “modelado permanentemente pela presença da Virgem Maria” (FERNÁNDEZ, 2009, p. 24). A cultura brasileira é resultante de três troncos principais: português, indígena e africano. O tronco do conquistador português impôs-se silenciando a fórceps as vozes das culturas indígenas e dos grupos africanos. Estas “sofrem os condicionamentos sociais da escravidão, pela qual foram negadas, proibidas, reprimidas, numa palavra, escravizadas” (BOFF, 1995, p. 8). O culto a Virgem Maria é uma herança portuguesa. A história do Brasil está amalgamada pela devoção à Virgem desde a primeira missa em 1500. Pedro Álvares Cabral trazia em sua armada duas imagens marianas: um quadro de Nossa Senhora da Piedade e outro de Nossa Senhora da Esperança. No dia 02 de fevereiro, festa da apresentação do Senhor, em Arraias – TO, interior do Brasil, as famílias católicas costumam iluminar janelas e portas com candeias e velas acesas em honra a Nossa Senhora das Candeias. É um costume dependente das heranças recebidas e que se pereniza entre gerações pela oralidade, espontaneamente, sem o sucedâneo legal da instituição religiosa. Buscam-se mimeticamente os santos e a Virgem, tidos como modeladores da vida, levando o povo a experimentar uma relação religiosa mais rica e salvífica, numa maior abertura para Deus e o próximo. **2. Piedade Popular. Um parâmetro mimético para o Clero?**

Na Jornada Mundial da Juventude, no encontro com a Comissão de Coordenação do CELAM – Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe, no Centro de Estudos do Sumaré, o Papa Francisco apontou o clericalismo como uma tentação no momento atual da Igreja e indicou como forma de suplantar a falta de maturidade de fé e liberdade cristã, valorizar a experiência do povo, expressa fundamentalmente na piedade popular, saída novamente apontada no nº 69 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Essas palavras são também ecos que ressoam o sentimento de outros documentos e autoridades da Igreja, como o nº 36 do documento de Santo Domingo, 1992:

A religiosidade popular é uma expressão privilegiada da inculturação da fé. Não se trata só de expressões religiosas, mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural.

A princípio podemos considerar a afirmação do Papa Francisco estranha e até mesmo antagônica, ante aos predicativos aproximados à piedade popular: expressão de fé ingênua, imatura, rica em superstições, mitos e lendas, dentre outras acepções. Como então é possível afirmar que a

piedade popular pode auxiliar o clero em sua vivência de fé e na antecipação kairológica necessária para auxiliar “sobreviventes” a palmilhar caminhos em direção à Jerusalém celeste?

Como compreender ou em que dimensão ela pode ser o caminho de purificação apontado por Francisco?

Desde já, como pista, poderíamos apontar a simplicidade, a pobreza reinante, o desvelado amor pela coisa sagrada da piedade popular como parâmetros miméticos. Apropriando-nos da tese girardiana, ficaremos com o aspecto da mimesis boa. No contra reflexo da espiral da violência tomaremos a piedade popular como modelo desejável, despido dos aspectos depreciativos já elencados, como um refinamento espiritual, conhecimento da vida, da práxis diária acumulada pelo povo, de grande valor para sedimentar o crescimento e as bases sociais de qualquer nação. Esse manancial de informações e experiências vividas por sobreviventes forma um cabedal de conhecimento humano incomensurável. É resultado da penetração no universo humano, do universo divino, dotando-o de possibilidades sobre-humanas (MEGALE, 2007, p. 13). A sabedoria popular tem um poder de síntese vital e sabe reconhecer e captar o que e quando se serve ao Evangelho de Cristo (DPb 448). A adesão do crente aflora na sua participação, em que a fé é celebrada e vivida em um rico tesouro de ritos, símbolos e gestos. Existe nas religiões um elemento constante, além do elemento sacrificial apontado por René Girard, é a linguagem simbólica. Desde o princípio as religiões usam desse elemento para comunicar suas crenças. Às vezes utilizando narrativas, ritos ou lendas compostos de acontecimentos reais ou fictícios. Essa simbologia facilita a compreensão em diferentes níveis, pois permite a dedução analógica. Na piedade popular este é um dado altamente relevante porquanto os ritos, os símbolos empregados podem e devem facilitar a busca da perfeição espiritual da ascese. Uma questão que se sobrepõe é se o fato das pessoas buscarem mimeticamente os santos, a Virgem Maria como modelo de vida não se insurge como o sacrifício do eu, ou se na verdade não significa a morte de inocentes[i]. O desejo imposto como padrão social, capaz de uniformizar massas e comportamentos pode ao invés de criar pessoas sãs e críticas, estimular comportamentos fundamentalistas, de visão estreita que, no futuro, podem resultar em doenças e comportamentos não queridos em função de ter sido anulada a individualidade, a expressão própria individualizante. Daí, pois, a

necessidade de se desenvolver nas meditações, reuniões sociais dos grupos de pertencimento discussões que levem as pessoas ao amadurecimento da fé, descolando da santoralidade e ou mariolatria para uma vivência espiritual de fé com raízes fincadas no chão com olhos voltados para o alto. A questão teológica, como Deus salva hoje, é uma constante interrogação que perpassa os meios populares, os ambientes devocionais. As pessoas querem enxergar como se dá a salvação, a realidade escatológica, em meio às adversidades, aos reveses que resultam em sofrimentos, violências e exclusões. E o povo brasileiro relança suas mágoas, sofrimentos e esperanças no "Deus escondido" no mar devocional. Sabemos que o contínuo histórico é interrompido por gestos messiânicos que realinham o trem da trajetória humana. Este é um fato também presente na piedade popular. Então, por que não podemos considerar o vagão devocional como um espelho que revela a face verdadeira do Deus escondido no seio das gentes invisibilizadas?

Em meio a essa realidade somos chacoalhados pelas imensuráveis manifestações dos párias da nossa sociedade. Na busca pelo mínimo, para tornarem-se, ao menos, pobres dignos, vemos massas humanas em diversos países e de diferentes culturas e religiões, clamarem por justiça, liberdade, terra e pão. Estas pessoas invisibilizadas, quer seja pelas políticas públicas excludentes ou pelo nosso descaso e, principalmente, pela nossa exímia habilidade de transferir responsabilidades, o que Girard denominou como fenômeno do bode expiatório, gritam por um Deus capaz de salvá-las. Nesse processo de construções vitimárias, ao invés de rompermos os grilhões, temos buscado penalizar-nos de nós mesmos refugiando-nos em nossa omissão e atitude passivas frente às exigências e vozes desses sofredores, contribuindo para a manutenção do *status quo*. Como não indignar-nos frente aos muros construídos, visíveis ou veladamente erigidos, que apartam pessoas, definem classes, privilégios e determinam sobreviventes?

Como não dizer que Auschwitz continua vivo nos imigrantes clandestinos mundo afora?

Como negar a existência de milhares de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza e que são meros números estatísticos na cultura atual apologética do descartável, "economia da exclusão e da desigualdade social" como nos alertou Francisco no capítulo 2 da Exortação Apostólica *Evangelii*

Gaudium?

A situação histórica exige de cada um de nós uma postura evangélica, um comprometimento íntegro e verdadeiro, em que sejamos capazes de sacrificar-nos em benefício do próximo. A nossa missão é a de viver anonimamente como justos da história, capazes de gestos messiânicos e atos escatológicos de amor e doação total ao outro, visto sob a ótica do amor, como aquele que me revela Deus. Nos meios pobres e rudes, o gesto messiânico da partilha é um marcante sinal de redenção. É comum ouvirmos “onde come um, comem dois”, “bota água no feijão que chegou mais um”, “aqui é como coração de mãe, sempre cabe mais um”. Nestas situações podemos afirmar o imperativo do tempo kairológico, do messianismo realmente vivido. É importante o vínculo maternal em uma conflitante e inconsciente rejeição ao padrão social, machista e patriarcal, introduzido. Por isso é fácil compreender a extensão alcançada pela devoção à Maria, pois “a onipotência de Deus é relativizada na presença oportuna dos santos, de Maria e dos Anjos (MEGALE, 2011, p.14)”. O pesquisador e maior nome do folclore brasileiro, Câmara Cascudo, nos diz:

A devoção mais profunda e popular no Brasil é dedicada a Nossa Senhora, cuja invocação implica o possessivo no singular porque o plural deixa a função maternal genérica e o fiel pretende possuir o direito privativo da unidade afetuosa. Daí, Minha Nossa Senhora! (CASCUDO, 2011, p. 85).

Para o homem pobre e simples, o outro existe porque há um só Deus verdadeiro, pai de todos nós e porque estamos todos sobre o manto protetor da Virgem. Em seu comportamento e relação com o Sagrado e o outro, o sentimento predominante nas expressões populares de fé é o respeito. As pessoas buscam a Deus e o sentimento de pertença comunitário exige uma escada consistente e inflexível rumo ao sacro. Alienação?

Infantilização?

Obscurecimento da fé verdadeira?

Essas indagações surgem. Porém, temos condições de afirmar como verdadeira a nossa fé, às vezes entabuladas em ritos, prescrições dogmáticas e em obediência à hierarquia institucional quando desconsideramos a fome, a miséria e a indigência de pessoas que foram por nós invisibilizadas?

Esse comportamento é exclusivo dos meios simples e populares?

Por certo, não! Sabemos que o caminho prescrito por Jesus ao jovem rico (Mt 19, 16-22) e condensado no mandamento do amor (Jo 13, 34) é a via de acesso capaz de encurtar o tempo e propiciar o gozo antecipado das delícias escatológicas prometidas. Se há tantas faces de Deus, que face sobrevive na piedade popular?

Atrevo-me a dizer: uma verdadeira face do Deus humano que se fez homem, que caminha com o seu povo, que não se coloca adiante e nem acima, mas se posiciona no meio do seu povo e com ele se relaciona. **3. A experiência devocional em Arraias: a diversidade e a beleza da expressão de fé do povo ao relacionar-se com o Sagrado** Todo sofrimento humano atinge inapelavelmente a Deus. Ele não quis a cruz para o seu Filho como não a quer para qualquer um de nós. Deus aceitou a imposição da cruz a seu Filho para torná-la o símbolo maior de salvação e nela desmascarar e vencer o mal, a morte, a satã. Sem dúvida este foi o maior gesto capaz de interromper o curso histórico apontando novos rumos. E nós hoje podemos fazer contrair o tempo, romper fatalidades e dar vazão a um tempo novo à medida em que assumirmos ser o nosso destino a conformação cristológica. No Brasil, uma tradicional canção do padre Zezinho, que intuiu essa missão, traduz o percurso a ser cumprido: amar, sonhar, pensar, viver, sentir e sorrir como Jesus amou, sonhou, pensou, viveu, sentiu e sorriu, para sermos mais felizes. No seu pelejar diário, o brasileiro assume e vive a sua fé, tomando consciência das inflexões do seu crer, cujo itinerário é sustentado e fortalecido pelos sinais e ritos vivenciados isolados ou coletivamente. Dessa forma coloca-se em contato com o "Sagrado" buscando uma contração do tempo cronológico. Com pequenos gestos de partilha e caridade procura tornar a sobrevivência mais fraterna e próxima da utopia da igualdade e oportunidades justas, o tempo kairológico. Em Arraias não é diferente. A população arraiana, em cada 02 de fevereiro, manifesta a sua adesão ao culto católico acendendo uma vela ou candeia, expondo-a em suas janelas e portas. Acompanhando nos últimos dez anos este ato ritual, identificamos que a comunidade mantém uma relação devocional afetiva com a Mãe de Deus. Os devotos pedem e esperam receber gratuitamente as graças. Há pouquíssimos relatos de promessa, visto que preferem dirigir suas rogatórias aos outros santos e às outras devoções marianas. É, portanto, um comportamento singular considerando o comum nas devoções populares brasileiras. As questões que nos

acompanharam foram: qual a contribuição dessa piedade popular à vida comunitária e que força agregadora ela possui?

É capaz de construir uma identidade coletiva e dar ao povo possibilidades de libertação, de amadurecimento na fé?

As observações realizadas durante a pesquisa indicam que o rito devocional existe na cidade “possivelmente” desde a sua fundação. As pessoas são unânimes em afirmar que todas as famílias colocavam (os mais velhos) candeias acesas em suas janelas e portas. Na cidade e nas fazendas. Dizem: “Todo mundo colocava, era de ponta a ponta, não ficava ninguém”. Hoje o rito se mantém, embora tenha reduzido o número de adeptos. Não localizamos nenhuma imagem ou mesmo “estampa” da santa anterior ao ano de 2009, quando houve um movimento de revitalização do ato ritual. A ausência da imagem não era sentida pelo povo e o comportamento indica um viés não comum nesse ambiente. Os ritos são geralmente atrelados a uma imagem milagreira ou aos espaços hierofânicos e neste caso podemos até dizer que estamos diante de um comportamento devocional mais transcendente. O ato ritual é justificado por todos como um sinal necessário, um indicador de que a família deseja e espera a visita da Virgem da Luz. Por isso, as luzes postas nas janelas ou portas da casa, devem ser ali colocadas antes do escurecer “à boca da noite”. Acreditam também que além da visita, acender as velas ou candeias garante aos moradores serem recebidos com luz após a morte. É uma perspectiva soteriológica. Acender a vela garante-lhes uma passagem (morte) envolta em luz e os seus caminhos serão iluminados nesta e na outra vida. Temos, dessa forma, o ciclo da vida envolvido pela Luz divina e o ritual a expressar que o homem é um animal simbólico, que traduz a sua crença em ver parte do que está escondido, sendo capaz de fazê-lo voltar-se para o transcendente. Dessa forma podemos compreender as falas dos papas Bento XVI ao nomear a religiosidade popular como o “rico tesouro da América Latina” e de Francisco que aponta a força da religiosidade popular como um meio para o clero vencer as vicissitudes atuais da Igreja como demonstrado anteriormente. Ao aproximar-se do povo, ao sair em direção às periferias existenciais, a Igreja coloca-se ao lado dos fieis e demonstra sua prontidão em lutar por melhores condições para o povo, numa postura sócio-libertadora. Estar com o povo é, em suma, assumir o mandato de Jesus Cristo. Em Arraias tem sido estimulado o desenvolvimento de virtualidades na piedade popular,

buscando agregar pessoas à vida comunitária e possibilitar o reconhecimento de seus valores individuais. As novenas foram deslocadas da matriz para residências localizadas nos diversos bairros da cidade. A motivação teve como princípio básico a inclusão social e religiosa, visto que há em Arraias uma estratificação social bastante forte, com agudo distanciamento social, velada discriminação racial que denota preconceito entre os seus moradores. Um interessante aspecto se descortinou com esse deslocamento: a mistura de pessoas, de classes sociais distintas, de raças, que a rigor não se frequentariam. Estas pessoas passaram a se reconhecer como irmãos a partir do novenário. Começaram a se enxergar iguais e os evidentes esforços para “mostrar boniteza” no novenário mostraram a capacidade de superação e de elevação da autoestima de diversas famílias. O contentamento foi externado em várias ocasiões, reconhecendo a alegria em poder oferecer à comunidade um momento de reza e participação, de alegria e devoção, de fé e esperança. Esse comportamento foi estimulado pelo pároco local, que se dispôs a celebrar as missas nas casas, a estreitar o relacionamento da sua comunidade. É, sem dúvida, uma expressão mimética a ser valorizada. Reconhecer a igualdade, elevar a autoestima e a dignidade humana são qualidades esperadas do cristão. A piedade popular tem essa conotação de vivência de fé dentro da concretude da vida do povo. Há uma profunda encarnação da religião na vida cotidiana. Tudo está envolvido numa aura de transcendência. Entretanto, devemos criticamente assinalar que há passos a serem cumpridos para que a esperança não se limite a uma utópica ideia. É preciso aliar às devoções exercícios espirituais capazes de desenvolver o senso crítico, sem, entretanto escandalizar o *sensus fidei* permitindo assim à absorção do sentimento interior capaz de tangibilizar a importância relacional, tornando o outro um caminho para Deus. Na piedade popular existe a consciência da gratuidade, embora seja mascarada pelos apelos das promessas que transformam a relação gratuita em comercial inconscientemente. No seio popular, o pagamento do prometido a Deus não é um pagamento como o compreendemos na lógica econômica, é, antes, uma retribuição a Deus por julgar que não somos merecedores de tamanha benéfica. É, de novo, um paradoxo existencial. Mas diante dos relatos das promessas, dos pedidos que incluem outras pessoas, parece-nos que o comportamento não está centrado de forma egóica somente, há traços de socialização e completude e, portanto, ocorre um

ultrapassamento do ego em direção a um todo maior, uma abertura ao transcendente, uma busca da reciprocidade mútua: “mais próxima da alteridade que da mesmidade, do outro que de si mesmo, mais da existência que da essência” (MENDOZA-ALVAREZ, 2011, p.72). 4. **Conclusão** Se considerarmos que a religião foi ressignificada nesse período chamado por uns de modernidade tardia, dando-lhe uma importância própria, considerando-a elemento associado à cultura e representativo de grupos situados em seus contextos, circundados por suas experiências e vivências de fé, podemos asseverar que a piedade popular, mesmo eivada, ainda, de certa ingenuidade e simplicidade, não está distante da nua realidade dos envolvidos em práticas devocionais. Não há, a nosso ver, desconexão dessas práticas devocionais a Maria, especificamente na Festa de Candeias em Arraias, do eixo central da fé que é o Mistério Pascal de Cristo. Nela verificamos a recorrência de gestos solidários e includentes que solidificam uma relação constitutiva dos núcleos sociais. Os comportamentos externam as relações das pessoas consigo mesmas, com os outros, com Deus e apontam passos rumo à maturidade da fé, para a descoberta do rosto do outro como o seu próximo. São indícios de que “o resgate dos inocentes”, daquelas pessoas apontadas por Girard como alvos do processo vitimário – os bodes expiatórios-, sejam reinseridos no meio social, pois a “esperança é possível para todos, incluindo os verdugos” (ibidem, p.56). Percebemos um esforço para a superação do desejo mimético rompendo a lógica excludente e violenta dos tempos atuais. Constatar a participação de pessoas dos diversos segmentos sociais, de idades variadas em uma festa religiosa, como a de Candeias, em Arraias, leva-nos a reler e redimensionar a tradição religiosa, que ganha contornos novos, num tênue fio entre a preservação da tradição e o processo pungente dos reclames de atualização e modernização do culto e da fé. Urge, portanto, esclarecer às gerações mais novas, a importância e o valor/sentido dessa prática de fé, evidenciando a sua riqueza e vitalidade, o quanto ela permite a inserção no mundo do sagrado. É preciso reconhecer que o acender candeias ou as velas alimenta a fé e a experiência religiosa dos fiéis que veem nesse ato um meio de se colocarem próximos a Deus. O ato nutre a vida espiritual e produz inegáveis frutos de santidade. Da mesma forma, a importância e os desafios que a piedade popular mariana enfrenta devem ser vistos. Não temos como abandonar a sua natureza sapiencial. Como não valorizar a firme convicção do povo na

justiça divina?

Como não compreender a intuição evangélica do povo que o leva a cumprir seus deveres religiosos e que têm na Mãe de Deus, o seu melhor exemplo de aceitação e seguimento da Palavra?

Ao celebrar os mistérios da redenção a Igreja venera os santos e, antes de tudo, a memória de santa Maria, a virgem Mãe de Deus. A Igreja ao fazer a memória de Jesus, faz também de sua Mãe. A comunidade arraiana ao venerar a Mãe de Deus, se coloca no seio do Sagrado, pois Maria "unida com laço indissolúvel à obra salvífica de seu Filho" é "uma imagem puríssima daquilo por que a Igreja anseia e espera ser" (SC 103, apud LLABRES, 2000, p. 199). O encontro com Deus, que ocorre em experiências religiosas populares, há que ser valorizado como um marco decisório na compreensão de que, em todas as dimensões da existência do ser humano, Deus está presente, renovando e transformando a vida do seu povo. O encontrar-se com o outro é a graça maior, que se supõe ocorre no âmbito do espaço do bem. Logo, a piedade popular pode ser vista como um parâmetro mimético que possibilita o encontro do ser humano com a graça santificante.

[i] Trata-se das ideias expressas por René Girard em sua Teoria Mimética. Obras indicadas nas referências.

Referências: BIBLIA DE JERUSALÉM. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006. BOFF, Clodovis. **Maria na Cultura Brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1995. CASCUDO, Luís da C. **Religião no Povo.** 2. ed. São Paulo: Global, 2011. FERNÁNDEZ, Marco Antonio Ó. **Piedade Popular.** 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Coleção À luz de Aparecida...). FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium.** São Paulo: Paulinas, 2013. GIRARD, René. **O Bode Expiatório.** São Paulo: Paulus, 2004. _____. **Eu via Satanás cair como um relâmpago.** São Paulo: Paz e Terra, 2012. LLABRÉS, P. O culto a Santa Maria, Mãe de Deus. In: BOROBIO, D.(org.). **A celebração na Igreja: ritmos e tempos da celebração.** vol. 3. São Paulo: Loyola, 2000. pp.199-221. MEGALE, Nilza Maria Botelho. **Maria na Religiosidade Popular.** São Paulo: Ave Maria, 2007. MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade.** São Paulo: E Realizações, 2011. PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nutiandi.** São Paulo: Paulinas, 2011.

[1] Bacharel em Direito e Teologia. Mestrando em Teologia, PUC – Curitiba – PR,

jofranresende@gmail.com

[1] Trata-se das ideias expressas por René Girard em sua Teoria Mimética. Obras indicadas nas referências.

Recebido em: 01/07/2016

Aprovado em: 02/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: